

longo tempo que os inlaçára o derradeiro abraço, abraço de quem comprime o peito paraquê de dôr se não parta o coração.

A rosa dos labios d'ella desbotada pelo beijo da amarga despedida, foi pouco á pouco murchando; e a mão de triste saudade desdobrou por seu semblante o veo da melancholia.

Cansada d'espera-lo e de ver seus mais lindos sonhos esvaicarem-se ante as novas que as suspiradas cartas lhe traziam, longos dias e noites ella os consumia á scismar desconsolada; e toda imbevecida nos negros pensamentos accordados por uma ausencia, que se lhe figurava interminavel—ficára sem riso para o prazer, e muita vez sem lagrymas para a dôr.

Chegaram finalmente as lettras, que lhe davam a promessa d'uma proxima volta.

Eram porém decorridos muitos dias, e debalde ella contava as horas e os minutos, anciosa pelo momento de vê-lo.

Tinha cahido o hynverno—inraivecido e tempestuoso. E a pobre moça apertava-se-lhe o coração, toda vez que, se dirigindo á varanda, encarava o aspecto medonho do oceano á bramir revolto sob um manto d'espessas nuvens negras, e de chuva pesada em que se ellas desfaziam, luctando horridamente com elle entre os açoitos do vento desabrido. Visões sinistras começaram de povoar-lhe a phantasia, e a idéa d'um naufragio lhe occupava continuamente o espirito, mandando-lhe ao coração os tormentos d'uma duvida, e d'um medo irresistivel.

Eis que porém um dia que se ella ergueu mui cedo, e se incaminhou immediatamente á janella, pareceu levar no rosto a viva côr da alegria. Mas fitou os olhos longo tempo no horizonte, e — triste! — para logo se abysmou tam pezarosa n'um meditar tam fundo, que lhe descahiu a fronte sobre o seio, e um suspiro mal distincto lhe escapou dos labios! — Limpo estava o horizonte; não alvejava ao longe uma vela.... Somente a aurora despontava alegre surrindo.

O céo trajava d'azul, a verdura do chão estava bella e risinha, a flor mimosa e rescendente ostentava ante seus olhos a graça de suas fórmãs, os passarinhos cantavam, a natureza surria..... Só ella ficou triste! — E lançou apenas um comprido olhar sobre a scena pomposa da manhan; e se quedou, tam fundamente preoccupada, que nem deu fé da irman que então entrava na salla.

— « Que te eu venha achar, mana, » lhe disse Ignez, pondo-lhe a mão sobre o hombro: « que te eu venha achar acabrunhada assim, quando te quero felicitar pelos tam bons indicios de ventura que nos estão á surrir?... »

— « Ventura... para mim? » lhe redarguiu Margarida cahindo immediatamente n'um pranto desaffogado.

— « Pois tu choras, mana? tu choras, quando tudo nos ri? magôas-te, quando tudo te festeja?... Pois não vês como está puro o ceo, como ãodepois de tam carregados dias, está hoje clara a manhan, tranquillo o mar, e o vento bonançoso? »

— « E tudo isso qu'importa? Que m'importa á mim que o dia seja o mais bello, si em minh'alma tudo é noite? Que importa que a manhan seja hoje serena, se o látego das tempestades têm açoitado tanto os viajantes, e ha ja tanto que Fernando deve de ter imbarcado?... »

— « Mas não sabes que esta noite sonhei?... Sentemo-nos, e escuta.—Era no cômore da praia que moravamos junctas; moravamos em um suberbo palacio tudo riqueza, brilhantismo, servos sem conto... todo perfume, flores, jardins, estátuas... todo pompa, todo harmonia. E havia um folgar alegre entre todos—e vi-nham, e sahiam; e se te davam emboras pela volta de teu marido. Tu estavas trajada mais ricamente, que a mais rica princeza; e um riso de prazer adejava nos teus labios, e infeitava teu semblante mais bello então do que nunca. Defronte se baloiçava airoso nas ondas uma grande fragata, que ancorara, havia instantes; e eu contente estava á mirá-la, quando vi sahir em terra...—sabes quem? —nosso primo... teu querido Fernando! Folguei de o ver tam moço ainda—tam bello com seu trajo militar, que tanto diz com aquelle garbo de guerreiro que tem!... Que festas que se lhe fizeram!... Que pena ter sido um sonho!...—Mas não sei que forte convicção me affirma, que este sonho não mente... —Elle porêem vinha pensando em ti; que não tardou em buscar-te; entrou — a alegria, a ancia lhe trasnluzia nos olhos — entrou, e correu para teus braços; e então... então sim, eis que de repente... —oh! os sonhos são assim — de repente ja tudo tinha mudado: era esta mesma salla, era o teu oratorio, e elle de joelhos a beijar-te as mãos, e á chorar.... d'alegria — tambem se chora de alegria — Mas tinha-se derramado uma como névoa que te escondeu á meus olhos; e eu procurava-te; e meio incerta ainda, quando accordei, pareceu-me que te encontraria na salla aopé de teu Fernando. Como inganei-me! Vim achar-te em pranto.... Ah! não chores, que me bate o coração agora como nunca bateu; e o dia, que surgiu tam bello, promette-me realisar este sonho.

E volveu os olhos ao mar. Nenhuma vela alvejava no horizonte; só no ceo do levante brilhava o sol magestoso.

— « Ignez... » disse Margarida tomando a mão da irman: « Ignez, os sonhos mentem, o futuro não se sonha; a phantasia pôde aggregar imagens do passado, mas o futuro.... o futuro é trevas, que só acclara uma vez a realidade. Não m'importa o

sonho... mata-me a dura incerteza, em que tremo da sorte de Fernando ! »

— « Mas é d'agora que deves começar a esperá-lo » redarguiu Ignez « Não tens vivido, até hoje, d'esperanças? Espera mais um dia... um mez... E ve-lo-has enfim. »

— « Se é que as ondas o não tragem já ! » acrescentou com voz cortada a triste esposa.

Ignez que conhecia a dor da irman, que lhe tinha sondado a profundidade do sentimento, e que lhe havia dado a mór parte do coração, Ignez, tentando emvão disfarçar a mágoa que se lhe intranhára n'alma, levou o lenço aos olhos, porque os arrasavam as lagrymas.

— « E assim te amofinas intregue á tam funestas idéas !... » disse ella depois de breve silencio, apanhando affavel os cabellos que em desordem s'espalhavam pelo rosto de Margarida. « Assim te cavas um tam profundo abysmo de soffrimentos ! — Estás magra, desfigurada... Que é do riso de teus labios, as rosas de tuas faces, o fogo de teus olhos ?... Tudo has perdido, tudo ha consumido e apagado esse amargo dissabor que teus tristes pensamentos mais aggravam. Si te acena a desgraça, não antecipes seu golpe... Acredita-me, as tuas mágoas são tambem minhas; dóe-me a tua dôr, mana; mas o coração me diz que Fernando breve hade vir, hade... »

E inlevada na esperança lançou os olhos ao mar... Nenhuma vela alvejava no horizonte : só no ceo do levante brilhava o sol magestoso.

II

Oh saudade, quanto são rigorosos teus espinhos ! — Margarida tomada d'um pensamento unico, d'uma idéa fixa, que a segue em toda a parte, e lhe povôa de sonhos a imaginação, — esquecida e alheia de tudo que a rodeia — não sente que se lhe vai apoucando a seiva da existencia, e definhando a flor da gentileza.

O seu mundo são as imageus com que sonha, seu astro *aquelle* cuja lembrança lhe recorda um passado, que desapareceu no pungir da amargura, como se perde a pérola entre abrolhos.

O amor, que outr'ora lhe doirou d'incantos a terra, é quem lhe leva a alma entre espinhos ; e apenas a esperança, que tam fraca já é, lhe vai sustendo as forças da vida.

— Tanto póde o coração e a phantasia !

Mas agora como que ella reviveu... Seus labios dilatam-se, resplandecem seus olhos, e anciosos desejos lhe fazem palpitar o coração. Vigora-se a esperança, derrama por seu espirito um bal-

samo consolador, e desfazendo com um gesto affavel as sombras da tristeza, fã-la entrever o esposo.

E' que Ignez, tendo corrido á chama-la, foi com ella á varanda, e sorrindo lhe dizia contente á apontar para o oceano.

— « Não a vês?... não descobres na extrema do horizonte?... E' a tua ventura... é a tua vida... é um navio... é elle!... »

Alto ia o sol — e uma vela alvejava no oriente, mal pintando em um ponto o azul do ceo.

III

Ai! que hoje mesmo essa esperança tam viva, tam poderosa, tam doce, ella a sente escoar-se-lhe rápida entre os phantasmas do medo!

O dia declinava.

O ceo se havia nublado, o horizonte estava negro, côr de noite se derramava no espaço, o sul soprava frígido e inraivecido, a trovoada que bramia distante, pouco á pouco avançava: annunciava tudo uma tremenda borrasca...

Margarida se chegou á janella... ficou de cêra; estremeceu. E olhando desconsolada a irman, e lhe mostrando o ceo, lhe falou com voz solemne, e tam triste que cortava o coração:

— « Vês, minha amiga, como se tolda o ar, e o ceo se veste de negro? Sentes o açoite frio do sul? Ouves ao longe o trovão?... E' peor que aquella a tempestade, que ameaça meu coração. Uma nuvem de terror se derrama por minh'alma... e as minhas esperanças vão minguando e morrendo. Agora sim, minha desgraça é certa! »

Ignez não pôde esconder a pallidez de seu rosto, e a dor de su'alma. Não dizia palavra — nem siquer ousava erguer os olhos, e encarar a pobre irman.

N'isto a chuva que ja vinha cahindo á estrepitar pelos telhados, impellida por uma rajada furiosa de vento, salpicou os rostos pallidos das duas mocas. Margarida deu um grito, e cahiu derrubada pela violencia do susto.

— « Mana » lhe acudio Ignez « tu desfalleces?... Não te lembra que além das nuvens negras da procella rutila o throno de Deus?... Rezemos! »

Ja raivava a tormenta fspanejando no espaço; ja não se via mais que uma densa escuridade, cortada de quando em quando pelo fugaz relampago; ja não se ouvia mais que um rumor continuo, um estampido cortado, uma confusão indizível.

— « Vai, Ignez, vai accender a lampada do Oratorio » diz Margarida depois de longa pausa, erguendo-se de chôfre. « Mas

não, espera... » continuou, como assombrada : « espera... não me deixes... tenho medo, não sei que me adivinha o coração... — Ignez, foge-me o animo... a luz do relampago me atterra... o estouro do trovão atrôa por minh'alma... tenho as mãos geladas, estou trêmula : tenho medo... — Não vês? » proseguiu em delirio « não vês?... Como brame a tormenta! como se infurece o mar!... Meu Deus ! Fernando vem... mas o navio se perde!... Bem o vejo, arfando sobre as vagas... ali, sem rumo... sosinho — por toda a parte as ondas revolvidas, cavadas... por toda a parte o horror da noite, o scintillar do raio... o acenar da morte!... La vai! — o clarão do relampago mostrou-m'o agora — la vai, todo clamor e desordem! la se atira sobre as pedras! la se abre o abysmo!... devorou-o... perdeu-se!... »

E cahiu outra vez desfallecida.

E houve um triste silencio, depois do qual, como que despertando d'um sonho, ella pediu luz á irman.

— « Rezemos » disse-lhe.

— « Sim, rezemos... » repetiu Ignez : « quem nos diz que Fernando não é vivo? que não está, que não póde ser salvo? — Um milagre do ceo... e serás ainda feliz! — Vamos... »

— « Não..... » disse Margarida hesitando : « vai tu só... eu fico... não posso me arredar d'aqui — não posso ! Aperta-se-me o coração, aneia... quer saltar do peito, quer... não sei!... Deixa-me... »

Ignez estava immovel de pasmada.

— « Vai-te... » insistia a irman extremamente agitada : « não te demores... traze luz... vai ! Não achas bom que rezemos? não o dizias ha pouco?... »

Ignez caminhou machinalmente ao Oratorio.

Era ja de todo noite... Um relampago assustador innunda immediatamente a salla ; e eis que Margarida vê...

Era acaso uma visão : era um soldado todo alagado da chuva, e salpicado de lama, que abria mansamente a porta e entrava a salla...

Mas abafada pelo estrondo do trovão uma voz se ouviu, que chamava :

— « Margarida?... »

— « Esta voz?... » murmurou ella erguendo-se d'um pulo : « quem vem ahi?... »

— « Conhece-me... »

— « Fernando?... » exclama a esposa no auge da commoção ; e abre os braços, e vai correr aos d'elle, que a procuram... mas ai ! suspende-se como tollida por uma força extranha, e irresistivel ; vacilla... cai, e...

